MUSEOLOGIA
EM FOCO

V. 1, N. IV - MAIO. 2025

#1 ENTREVISTA COM MUSEOLÓGO(A)

IV

EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5a REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO
Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernada Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5a REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. **4** (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto "Live com Museólogo", por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Nesta edição comemorativa, temos publicada na íntegra a entrevista com a museóloga Clarete de Oliveira Maganhotto, que auxiliou na criação do COREM 5R nos anos 1980, no estado do Paraná, atuou em inúmeras instituições museológicas e teve um papel fundamental na construção do Conselho, sendo a museóloga de número profissional 002-IV.

O COREM 5R agradece a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia. Boa leitura!

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)

CLARETE DE OLIVEIRA MAGANHOTTO

[...] todo mundo tem um objetivo, todo mundo tem um sonho de realizar na vida. Eu acho que quem gosta desse ramo, de preservação, de conservação, da Museologia, da interação no ensino das artes nunca deve desistir, porque tem sempre um lugar para o seu trabalho, porque é um trabalho específico, um trabalho bonito, que é sempre muito benquisto e bem-vindo, mas nós temos que também lutar muito pelo reconhecimento da nossa profissão [...].

Clarete vive em Curitiba/PR. Ex-diretora do Museu Alfredo Andersen e do Museu do Expedicionário, é museóloga provisionada. Segunda a ser registrada no COREM 5R, atualmente aposentada, participou da criação do COREM 5R, do curso de bachalerado de Museologia da Unespar e de iniciativas para o fortalecimento da profissão.

Franciele Maziero | Boa noite a todos que estão entrando.

Clarete de Oliveira Maganhotto | Boa noite, Franciele.

Franciele | Obrigada, Clarete, pelo aceite do nosso convite. Primeiramente, se você quiser se apresentar para quem está nos ouvindo, fica à vontade.

Clarete | Eu me chamo Clarete Maganhotto, sou museóloga, quer dizer, além de professora e outras profissões. Como a gente está em uma *live* de Museologia, nós vamos falar no assunto de museus. Então não vou falar nas outras profissões. Então, eu sou museóloga e por isso estou aqui para dar minha colaboração nessa época em que estamos comemorando 40 anos da regulamentação da profissão. É um ano de muitas manifestações, muitos encontros, congressos. Por isso nós estamos ultimamente trabalhando mais pela internet. É um prazer estar nesse momento fazendo essa *live* com você, Franciele, que é nossa presidente do Conselho Regional de Museologia da 5ª Região, que há 40 anos nós criamos. E agora vocês são nossas filhas que continuam.

Franciele | Bom, sim, eu fico bem feliz, porque ao longo desse tempo também que eu estive como secretária, enfim, em outras funções, você sempre auxiliou, sempre deu dicas. É essa *live* é para falar sobre a criação do COREM 5R. Como você mesma falou, nestes 40 anos de regulamentação da nossa profissão, de vez em quando nós recebemos algumas reclamações de algumas pessoas. Mas me parece, em geral, que algumas não sabem o que é um conselho. E não sabem sobre essa trajetória do COREM 5R. Então eu gostaria que você falasse inicialmente como foi o início da Museologia na sua vida. Onde você nasceu e como surgiu a Museologia na sua vida?

Clarete | Isso de nascimento é outra coisa, né? Nascimento... muito tempo atrás. Eu nasci em Florianópolis, mas, aos 12 anos, eu fui para o Paraná. Estou no Paraná, então eu me considero paranaense, porque foi lá é que eu estudei, que eu casei, tive quatro filhos e tenho meu patrimônio. Então, eu sou de coração mesmo paranaense. Mas amo a minha terra Florianópolis. Quando eu posso, estou lá. Mas a Museologia propriamente dita tem, claro, séculos de existência, porque sempre se trabalhou em Museologia, em objetos históricos que têm que ser preservados, guardados, mas a lei mesmo [inaudível] somente em 1984, quando a gente levou a sério mesmo a criação de cursos que respeitassem a nossa profissão. Então, em 1984, eu estava na época trabalhando como diretora do Museu Alfredo Andersen. Nessa época em que a lei foi criada... Na lei tinha um item que dizia que os estados que não tinham curso de formação de museólogo, um curso superior, os museólogos, os trabalhadores de museus que trabalhavam há cinco anos dentro do museu, na parte técnica, e que tinham um curso superior, eles poderiam já ir direto no Ministério do Trabalho e fazer a sua carteira de trabalho de museólogo. E assim nós levamos dois anos e tivemos esse direito. Em todo o Brasil foi assim. Cada estado teve o direito de fazer a pesquisa e saber quem eram esses profissionais de museus. Então a gente se comunicou com todos os museus já pesquisados. Pra todos os museus do Paraná, mandamos uma carta a eles — naquele tempo não nos comunicávamos por e-mails ainda, a internet ainda não era tão usada... [inaudível]. Mandamos pra Casa de Cultura de Santa Catarina, pra saber o que eles levantaram e se eles queriam ser independentes ou se associar a nós para fazer um COREM só, porque nesta época o território nacional era muito abrangente; tinha território que nem chegava correspondência. Então, por exemplo, São Paulo abrangeu uns quatro ou cinco estados; Rio de Janeiro também; a Bahia, então, mais ainda. Nós conseguimos formar seis grupos de museólogos. Teve o Rio Grande do Sul, que teve um conselho só para eles; depois Paraná e Santa Catarina formaram um conselho também; São Paulo também formou um; Rio de Janeiro outro, e a Bahia outro. E tinha lá no norte também, um lá de Belém, que foi depois extinto por falta de continuidade. Então, hoje nós temos cinco conselhos regionais de Museologia. O nosso aqui, especialmente na 5ª Região, que abrange Paraná e Santa Catarina, essas jurisdições. Nós levamos um ano, porque, quando nós soubemos da lei, já tinha

sido promulgada um ano atrás; já tinha sido promulgada em 84 e nós só fomos saber em 85. Então nós fizemos reuniões nos nossos museus lá em Curitiba e organizamos uma diretoria. Nós juntamos todos os trabalhadores de museu, umas cem pessoas mais ou menos, e organizamos um primeiro conselho cujo presidente na época era o Fernando Velloso, até hoje o nosso colega, nosso companheiro de trabalho. Ele foi o criador do Museu de Arte Contemporânea do Paraná - MAC em 1974. Bem conceituado, entendido do assunto da Museologia. E a gente sempre estava com ele, e ele com a gente. Estávamos sempre junto fazendo salões de arte, montando exposições. Então, nessa reunião, ele ficou de presidente, eu fiquei de tesoureira, a Lia Moro, de secretária. Nós tínhamos dois conselheiros também. Bom, nós formamos um conselho de seis pessoas. Com esse conselho, nós trabalhamos também uns cinco ou seis anos adiante. Juntamos todos os conselhos do Brasil e fomos em Brasília formar o COFEM. O COFEM, o Conselho Federal, foi formado depois, pelos membros dos conselhos regionais. Éramos seis conselhos e pusemos lá duas pessoas de cada conselho regional e formamos o conselho federal. E assim vieram as normas, os regulamentos e tudo o que precisava para dar continuidade. Assim estamos até hoje. O conselho agora rege as normas, é ele que nos dirige. Então eu fico muito feliz porque a sede do COREM era em Curitiba, pois em Santa Catarina não havia muitos museólogos pra ter uma representação pra sustentar lá o conselho. E nós aqui conseguimos 40 trabalhadores de museus que tinham cinco anos de trabalho e mais um curso superior.

Franciele | Que são os provisionados, né?

Clarete | Por isso, nós temos um grande respaldo. Nossa, a gente fazia naquela época muitos trabalhos pessoais, muitas reuniões, seminários, fóruns, congressos. A gente ia por esse Brasil afora. Se reunia. Então era uma fase muito boa, porque nós conhecemos pessoalmente muito dessas pessoas que criaram também os seus conselhos e que até hoje estão à frente deles. Eu não estou à frente, eu digo que vocês são uma maravilha que chegaram com todo o vapor para dar continuidade. Vocês foram formados depois e foram criadas faculdades; porque, depois dos nossos conselhos, cada estado promoveu a sua faculdade de Museologia, o seu curso superior. E nós aqui no Paraná tentamos muitos anos, levamos, acho, que mais de dez anos, muito mais, para conseguir ter uma faculdade. E nós sentamos desde o começo, porque era o nosso papel, dos conselhos, estimular cursos superiores, porque senão morria ali. Nós só tínhamos na época uma faculdade na Bahia e outra no Rio de Janeiro.

Franciele | Aí depois surgiu a faculdade em Orleans, a UNIBAVE.

Clarete | Então, depois a UNIBAVE, que é uma faculdade particular.

Franciele | Isso.

Clarete | Mas foi uma beleza, porque ela deu um impulso. Quando se formaram e vieram preencher a 5ª Região, que estava ficando esmorecida, porque não entrava mais ninguém, e passaram-se, olha, quase 30 anos sem ter uma faculdade estadual ou federal aqui no sul, no Paraná e em Santa Catarina. E nós lutando para que essas faculdades saíssem no Paraná. Mas infelizmente depende dos governos, infelizmente somos atrelados ao governo. Então, quando eles não querem, não têm vontade, aí a coisa dificulta muito. Chegavam a dizer "Não, não vou assinar, não, não quero mais curso aqui. Chega!" Nós fazíamos o projeto, estava prontinho para ser assinado com todas as reuniões que fizemos, até na federal também foi feito um estudo. Nós fizemos um projeto lá enorme; tinha um arquivo completo com toda a carga horária, com todos as matérias, disciplinas; professores até nós tínhamos indicado. E os governos federais não assinavam, menina. Quando foi aqui também no Paraná, saiu depois de Santa Catarina o nosso curso superior de Museologia, porque depois, em Santa Catarina, depois da UNIBAVE, que era particular, saiu a do estado...

Franciele | É, saiu a federal, a UFSC. Ainda hoje tem em Santa Catarina. A UFSC forma novos bacharéis em Museologia. (Só lembrando que pra ser museólogo precisa entrar com o registro no conselho, porque a pessoa se forma e não é museóloga. Ela é museóloga depois que consegue o registro no conselho).

Clarete | Sim, mas é até um passo pequeno. O pior mesmo é fazer, são quatro anos. Depende de muito boa vontade e tempo. Eu fiquei à disposição da Belas Artes, que era uma faculdade estadual, específica só em artes; ela não tem nem nada de Museologia, mas ela teve, tem um curso de história da arte. Aí ela resolveu implantar Museologia.

Franciele | Tem a Embap [Escola de Música e Belas Artes do Paraná].

Clarete | É, ela pertence à Unespar. Então na Belas Artes foi feita a faculdade e tal, o projeto, tudo certinho. Aí eu fiquei um ano na Belas Artes só para ajudar a terminar esse projeto e voltei pro meu lugar, que era a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC). E mesmo assim eu já estava soltando os foguetes, a dizer para todo mundo "Ah, está pronto, ah, vai sair!" Aí o governador saiu do cargo dele pra concorrer a senador e deixou um outro lá, provisório, aqueles de final de gestão. E aconteceu que aquele saiu e não assinou. Aí fomos pedir para esse que ficou de tampão lá, e ele assinou. Quando foi no começo do ano a Belas Artes foi fazer vestibular e precisava do decreto. E cadê o decreto, menina? Ele assinou e não mandou [publicar] o decreto. E ele acabou saindo também, porque era um governo tampãozinho; saiu em dezembro e isso foi lá em setembro. O que aconteceu? Ficamos sem a faculdade de novo. Mais um ano se passou e teve uma outra governadora, que também ficou um tempo lá suprindo um outro governador que também saiu. Aí houve uma conversa com ela, e ela assinou. Bom, graças a Deus continuou. Acho que quem a gente menos espera é que nos ajuda, sabe? Tem isso na política, né? A gente faz tudo de muito boa vontade, muito confiante, toda alegre, solta foguete, e eles nem aí para gente. Enfim, saiu. E daí eu também saí do estado, porque eu fui jubilada. A gente faz 70 anos e é mandada embora de qualquer jeito, não continua mais. Agora parece que mudou pra 75, mas tudo bem. Então foi assim: a nossa faculdade foi criada. Foi maravilhoso, e eu sou muito grata ao pessoal que dirige lá, são pessoas maravilhosas, queridas, a Jackelyne [Corrêa] Veneza é um amor de pessoa; ela que está sempre à frente de tudo, apesar de que os diretores são também muito... que creem na Museologia, que sabem que é necessário, sabem do que precisa. É uma coisa importante. São pessoas esclarecidas, que entendem da cultura.

Franciele | Neste processo de criação do curso de Museologia da Unespar, quem mais esteve envolvido? Além de pessoas ligadas à política, tiveram alguns outros museólogos além de você?

Clarete | Pois é, da Unespar, as diretoras que estavam anteriormente... Teve a Ana Maria, que era muito interessada que a Museologia surgisse; até a Belas Artes também tem material para ter um museu educativo na sua instituição; a Maria Justino também foi outra diretora que intercedeu muito politicamente, porque ela conhecia outras pessoas para pedir que saísse o curso. Tem que ter essa conversa por trás, sabe? Então é uma coisa boca a boca. Por incrível que pareça, se

não for assim, você não falar, pegar um deputado, falar com ele “Vai lá, luta pelo nosso projeto!”, as coisas não saem. É de boca em boca, de ouvido em ouvido, e vai indo. Um diz “Ah, isso é besteira, isso é bobagem”, porque não tem alcance para entender; e o outro já bem interessado “Claro, é maravilhoso, vamos sim!”. Então assim a gente vai trilhando, mas depende muito do passo a passo, do boca a boca, do dia a dia. Se você achar que está formada, que é museóloga, que é diretor de museu, “Ah, não quero mais ver ninguém, vou sentar no meu trono”, a coisa morre. Tem que ir, tem que botar o museu pra fora. Olha, na época em que eu trabalhei, eu levava os museus para os municípios pequenos aqui da nossa cidade Curitiba; nós temos bastante municípios metropolitanos. A gente ia com toda a equipe do museu, levava lá, botava faixa “Museu Alfredo Anderson”, “Aula de pintura para criança”, fazendo naqueles rolos de papel. As crianças vinham pintar, tinha tinta, pincel, mas vinha a escola inteira. A gente avisava antes, tinha que ter licença da prefeitura, essas coisas, mas a gente fazia esse trabalho. A gente tinha essa disposição, gostava de chamar público. Não adianta se fechar dentro do museu e botar uma plaquinha ali fora, ainda cobra a entrada hoje em dia. Nós nunca cobramos, porque o governo também nem queria que a gente cobrasse. Era coisa fora do ritmo. Não podia cobrar, porque não podia pegar em dinheiro. Dinheiro vinha pra gente gastar. [inaudível]. Às vezes comprava latinha, dava a nota lá. Mas os museus têm que ser dinâmicos, eles têm que interagir com as pessoas, têm que oferecer alguma coisa, um curso de história da arte, têm que agradar, senão fica mais difícil atrair.

Franciele | Sim, e os museólogos também. A gente vê muito museólogo que se acomoda dentro do seu museu, e a gente percebe que o museólogo também precisa estar mais engajado com os outros museólogos e também com aquilo que é a própria legislação da área. A gente vê muito museólogo que não compreende nem a importância de ter um conselho de classe, o quanto um conselho auxilia, por ser uma profissão regulamentada... A gente percebe muitos museólogos que se formam e não têm essa proximidade com os outros da área e muito menos não sabem da legislação. Não vê que houve um processo de criação, de pessoas como você, que ajudaram e estiveram à frente desse processo de criação. Então é muito importante. Por isso que eu fiz questão de chamar você para uma *live* pra dizer como foi a criação do COREM 5R, porque a gente sabe que foi toda uma luta.

Clarete | Você sabe que eu estou fora, mas estou dentro, né? Porque eu não desisto nunca. Quando eu vejo vocês, eu estou lá, vocês sempre me convidam pra estar nas reuniões, eu fico feliz. Mas você sabe que os conselhos são necessários, muito necessários. Sem os conselhos, não há uma diretriz. Você não centraliza as notícias, tudo o que vai acontecer, o que pode, o que não pode. Tem que ter uma centralização, e é o conselho que faz isso. Todos têm conselhos e são altamente necessários, como o nosso também o é. Então, nós não imaginamos não ter conselho. Eu até acho que temos poucos conselhos no Brasil. Ter só cinco é muito pouco para dar conta de toda a área museológica neste Brasil todo, não é? Imagina, no norte do Brasil, é uma coisa muito intensa, a arte lá, local, popular. Porque eu falo em museu dinâmico, sabe? Eu não falo daquele museu estático, só com quadro na parede, as estatuazinhas penduradas. Não! Porque as exposições itinerantes existem em todo museu e mobilizam essa questão toda...

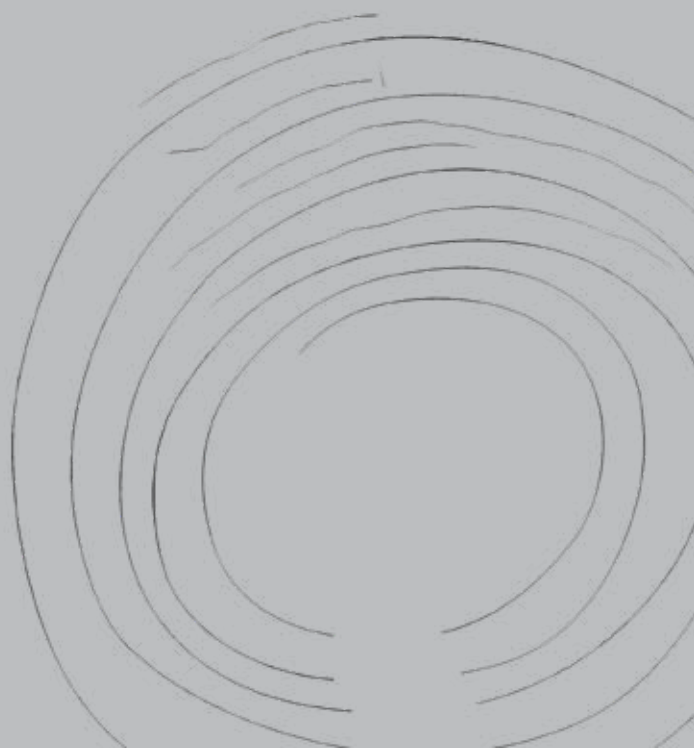
Franciele | Porque antes nós tínhamos seis jurisdições. Tinha até o COREM 6R; agora nós só temos 5. Eu não sei se tem alguma discussão a respeito de reorganizar a questão das jurisdições no Sistema COFEM/COREMs, mas é bem importante, e justamente isso, de a gente continuar com o conselho [Ah, o Saulo aqui, o presidente do COREM 1R, o Marco – [presidente do COFEM]. Boa noite para vocês. Eles estão aqui assistindo à nossa live]. E a importância de ter um conselho. Muito se fala na criação de um sindicato de museólogos. Será que isso seria interessante? Qual é a sua visão sobre a criação de um sindicato?

Clarete | Você fala sobre museus, sobre os conselhos?

Franciele | Sindicato de museólogos. Eu já escutei sobre isso. Seria interessante?

Clarete | Olha, eu acho que não precisa. Acho que é cedo para isso, porque nós ainda somos poucos. Não existe uma demanda, sabe? Nós precisamos ainda ser reconhecidos, respeitados, principalmente pela área museológica. Nós não somos nem registrados no plano geral do governo como profissão remunerada; não existe nem piso salarial para a nossa profissão. Fomos nós que criamos isso, o conselho federal que cria isso. No governo, eu trabalhei 40 anos no estado. Eu comecei como professora e, depois que estava há uns 10 anos como professora, é que eu passei o meu padrão de professora para o museu, pra ser diretora de museu. Fui convidada para ser diretora de museu e fui para o Museu Alfredo Andersen, pela parte educativa, que eu adorava dar alguma coisa, curso de arte, porque depois eu fiz o curso de educação artística e continuei como professora dentro do museu. Então eu era museóloga, porque a lei me permitiu ser, mas eu não era reconhecida como museóloga até me aposentar. Me aposentei como professora. Eu tive duas aposentadorias, uma da primária, porque eu tinha um curso normal. Eu entrei como curso de primária no estado e, com esse padrão, eu passei para o museu, eu estava no museu, eu fiz a faculdade de arte, por volta de 1970. E depois é que veio a lei, quando eu já era diretora do museu, dizendo que eu podia ser museóloga, se tivesse cinco anos de trabalho. Então eu já tinha mais de cinco. Tinha uns oito anos de trabalho quando eu passei pra ser museóloga. Quer dizer, fui museóloga de boca, na carteirinha que o Ministério do trabalho me deu. Mas eu continuei sendo professora. Depois eu me aposentei do primeiro padrão e fiz um outro concurso, e continuei sendo professora no mesmo lugar que eu estava também de professora; fiz o concurso de professores. Não existe concurso oficial de museólogo. Isso quem cria são os municípios. Eles têm os estatutos municipais. Então, está acontecendo que os museólogos são reconhecidos pelo município, mas o estado dificilmente reconhece a profissão de museólogo. E tanto é que, se você vai reclamar que não tem um museólogo em tal museu, eles dizem “Eu não sou obrigada a pôr”, eles dizem assim pra gente “Isso é cargo de confiança. Não vou pôr museólogo. Aqui não tem museólogo inserido no quadro pessoal.”

Franciele | É, no estado do Paraná acontece isso, né?



Clarete | É, aqui não tem. Eu não sei se em Santa Catarina já tá tem, tem?

Franciele | O cargo em si não, né? Mas, como profissionais, têm outro nome. Mas nós temos esses profissionais nos quadros do governo do estado. A grande questão é isto: fazer com que os municípios que tenham museus consigam contratar museólogos, seja por meio de concurso ou outro tipo de contratação. Mas é importante cada museu ter o seu museólogo. É o que está na lei 7.287/84.

Clarete | Temos uma lei bem-feita, bem-esclarecida, mas a gente não consegue obrigá-los a seguir. Isso que é o negócio. Não sei o porquê, mas eu acho que deveria ser obrigado. Se nós temos uma há 40 anos... É uma questão de estudos, pegar uma comissão e ir de estado em estado, e obrigar a pessoa a por lá. Agora também tem isso, né? Os médicos também, os advogados, engenheiros também não estão inseridos no quadro geral... Eles entram como técnicos de assuntos culturais, com outro título.

Franciele | Outra nomenclatura, né? O Marco [Antonio Ballester Júnior] fez uma correção: "no estado de Santa Catarina tem cargo criado para museólogos. Só que falta fazer concurso". Exatamente. O cargo até tem, mas vai ter que fazer o concurso.

Clarete | É, vocês já estão há 40 anos e ainda tem esse problema. Você imagine eu no começo... eu fui presidente do COREM, acho, que por uns 15 anos, alternados. Porque eu estava sempre cuidando das eleições para que não faltasse pessoal, estimulando outros. A minha casa era o escritório de reunião para as seções que nós tínhamos, porque às vezes a gente não podia fazer isso dentro do museu, que era antigoverno, não podia fazer essas coisas. A gente emprestava o museu pra ter a sede, mas não é certo isso. Então fica uma coisa assim meio capenga. Toda a vida aqui foi assim, no Paraná era assim; onde eu trabalhava, levava o COREM pra lá. Quando eu saí do [Museu] Alfredo Andersen, levei para o Museu do Expedicionário. Aí ficou lá um tempão. E assim foi... E depois vocês vieram para cá, uma equipe grande, e nós nomeamos o presidente de Santa Catarina. Foi ótimo, levaram para lá e já estão há mais de 10 anos... Mais, né? Vocês pegaram o COREM sempre com trabalhos a fazer, nunca realizado total. Tanto é que até a faculdade não faz nem 10 anos que foi criada, e o COREM já estava em Santa Catarina, né?

Franciele | Em Santa Catarina. Isso.

Clarete | Então você agora está nas festividades dos 40 anos, né? Que beleza!

Franciele | Sim, são comemorações e muito trabalho, né? A gente que está dentro dos conselhos sabe da quantidade de serviço que tem para fazer. A gente comemora, mas sempre com aquele aperto no coração. "Ah, temos que fazer mais, temos que fazer mais". Tem muita coisa ainda pra se fazer, principalmente aqui no nosso COREM 5R. No que diz respeito às fiscalizações, a gente consegue atuar de uma forma até satisfatória no estado de Santa Catarina, mas no Paraná nós temos essa dificuldade ainda de adentrar nos municípios, mas esperamos que agora nesse segundo semestre a gente consiga chegar mais próximo dos municípios e conversar sobre a obrigatoriedade de ter museólogo nos quadros, de também criar os cargos de museólogo nos municípios e também no governo do estado, porque o próprio estado tem uma gama de museus que precisa também do profissional museólogo. O próprio Museu Alfredo Andersen. Aí agora com o curso de Museologia da Unespar... Então, temos todos esses desafios pela frente ainda.

Clarete | Pois é, eu desejo que vocês tenham todo o progresso necessário para que sejam bem-sucedidos, que todos tenham o lugar que merecem, porque tem tanto lugar precisando de museólogo... E às vezes tem tanto museólogo por aí que quer uma colocação no seu lugar, trabalhar no seu lugar, e não abrem as vagas, porque tá tudo errado. Tem que haver uma fiscalização por aí. A fiscalização é muito necessária.

Franciele | Com certeza! É só com a fiscalização que a gente consegue abrir vagas. Já encaminhando agora pro encerramento da nossa *live*, porque nós comentamos aqui que você não está no Brasil, está em Lisboa, e aí já é mais de meia-noite... Você tem algum conselho, alguma orientação para dar aos museólogos que estão entrando agora no mercado de trabalho ou aos estudantes que estão saindo agora da faculdade?

Clarete | A gente tem que dizer é que todo mundo tem um objetivo, todo mundo tem um sonho de realizar na vida. Eu acho que quem gosta desse ramo, de preservação, de conservação, da Museologia, da interação no ensino das artes que nunca desista, porque tem sempre um lugar para o seu trabalho, porque é um trabalho específico, um trabalho bonito, que é sempre muito benquisto e bem-vindo, mas nós temos que também lutar muito pelo reconhecimento da nossa profissão e não esquecer de estar sempre em cima do despertar, do despertar de quem nós precisamos. Nós sempre precisamos de alguém, alguém que nos empregue, alguém que faça edital no seu município, no estado para encaixar essas pessoas. E vamos estar sempre tendo um deputado, algum vereador, amigo que leve nossos projetos para a Câmara, para a Assembleia, porque senão nós ficamos muito alienados da realidade, mas eu acho que vale a pena. É uma profissão maravilhosa.

Franciele | Então, pessoal, a todos que estão assistindo à *live*, tenhamos contatos, tenhamos amizades no meio da nossa profissão, porque são esses contatos que nos auxiliam depois a conseguir as vagas.

Clarete | Isso, contem comigo. Enquanto tiver perninhas para andar, eu vou atrás de vocês e, quando me chamarem, eu vou.

Franciele | Sim, temos aqui na nossa *live* assistindo o presidente do COREM 1R, [Saulo Moreno Rocha]; o presidente do COFEM, Marco [Antonio Ballester Júnior]. Também tínhamos aqui a Jackelyne [Corrêa Veneza] e também a presidente do COREM 3R, do Rio Grande do Sul, [Aline Escandil de Souza]... Todo mundo assistindo à *live*, todo mundo sabendo da importância da sua trajetória e dedicação a todos os COREMs.

Clarete | Eu deixo um abraço a toda essa gente. São todos meus amigos desde aquele tempo até agora. Quero ver se vou à Bahia para ver a Eliene Bina, a Heloísa Helena. Eu ainda vou ver vocês, viu, queridas? Eu amo essa gente, do Rio de Janeiro, de São Paulo, são todas umas queridas, da Bahia, todo mundo. E você, meu amor, é demais, viu?

Franciele | Muito obrigada. Saiba que eu também gosto bastante de você, das nossas conversas. E novamente obrigada. A gente se vê numa próxima *live*. Também agradeço a todos que participaram aqui e acompanharam. Lembrando que esta *live* fica gravada. Então quem não pôde assistir, depois que quiser saber um pouco mais da trajetória da Clarete, pode acompanhar aqui e assistir à *live* pelo Instagram também. Boa noite, um abraço e até mais.

Clarete | Obrigada.

Franciele | Obrigada, gente, tchau, tchau.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

@corem5r

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOURARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855